

| | |
|--------------|-----------------|
| INSTITUTO | |
| Documentação | |
| Fonte | destadao.com.br |
| Data | 30/11/2001 Pg |
| Class | B5 |

ONGs querem definir um orçamento para a Mata Atlântica

Seminário realizado em São Paulo mostrou necessidade de direcionar recursos não só para conservação, mas também para a recuperação do bioma

São Paulo - Somente para recuperar as áreas degradadas e atender às exigências do Código Florestal a Mata Atlântica precisaria de investimentos da ordem de US\$ 9 milhões ao ano, nos próximos 30 anos. Essa é uma das conclusões do seminário realizado pela Rede de Organizações Não-Governamentais da Mata Atlântica (RMA), para avaliar as ações realizadas nos últimos dez anos para a conservação da Mata Atlântica, que terminou hoje, em São Paulo.

Com representantes de entidades de todos os 17 estados que possuem Mata Atlântica, o seminário avaliou a distribuição dos R\$ 450 milhões investidos no bioma na década de 90, segundo o levantamento "Quem faz o que pela Mata Atlântica", coordenado pelo Instituto Socioambiental (ISA), RMA, Conselho Regional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e WWF-Brasil. Entre as constatações desse diagnóstico estão que boa parte desse valor, R\$ 130 milhões, foi gasto como contrapartida das próprias entidades executoras dos projetos e que a maior parte dos investimentos ficaram concentrados no eixo Rio-São Paulo.

Segundo João Paulo Capobianco, coordenador do ISA, foram 844 projetos cadastrados, de 578 entidades, associadas a 437 organizações parceiras. Os recursos vieram de 263 entidades financiadoras. "Acreditamos que uma das prioridades agora é redirecionar esses recursos para projetos de recuperação da Mata Atlântica, que somam apenas 18,2% do total, enquanto 60,3% dos projetos estão voltados para a conservação e 21,4% para o manejo sustentável", disse.

Para Clayton Ferreira Lino, secretário-executivo do Conselho da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, no entanto, a prioridade continua sendo a conservação. "Conservar é mais barato do que recuperar e, com apenas 7% de sua área original, a Mata Atlântica está abaixo da linha de pobreza dos biomas, que precisam de pelo menos 10% para manter sua biodiversidade. Por outro lado, temos hoje tecnologia e experimentos que mostram a viabilidade da recuperação, única maneira de manter os remanescentes conectados e garantir sua sobrevivência", avaliou.

Lino ressaltou ainda que esse diagnóstico é preliminar, pois dependeu de informações voluntárias e não inclui investimentos em recuperação feitos pelos proprietários de áreas de Mata Atlântica por sua própria conta. "Mas é fundamental para sabermos onde estamos e aonde queremos ir".

A expectativa, daqui para frente, conforme Capobianco, será "fazer um orçamento para a Mata Atlântica, estabelecendo metas e buscando recursos". Além disso, a Rede Mata Atlântica pretende avaliar também a eficiência na aplicação dos recursos e conseguir definir as prioridades de localização e tipo de projetos junto com os fundos investidores.

Araucária

Uma área já detectada como prioritária é a floresta ombrófila mista (mata de araucárias). Com apenas 3% de sua cobertura original e ainda sob forte pressão econômica para o desmatamento, o levantamento constatou poucos projetos voltados para esse ecossistema, presente nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Uma boa notícia, porém, foi o anúncio feito durante o seminário pelo ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, de uma portaria criando um grupo de trabalho, que deverá apresentar propostas de preservação dos remanescentes de floresta ombrófila mista no estado de Santa Catarina. Esse grupo deverá concluir seus trabalhos em 120 dias, definindo potenciais áreas para unidades de conservação e corredores ecológicos.

Maura Campanili